

5

“OBJETOS BIOGRÁFICOS DE MEMÓRIA”: RECONHECENDO-SE COMO AGENTES HISTÓRICOS A PARTIR DE AULAS DE PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA

RESUMO: A experiência de ensino refere-se ao conjunto de atividades desenvolvidas no primeiro semestre letivo de 2016 na Universidade Federal do Amapá (Unifap), *campus* Marco Zero do Equador, localizada em Macapá, Amapá, Norte do Brasil. Uma turma de acadêmicos da licenciatura em História foi estimulada a estudar a disciplina Seminário de Prática de Ensino de História IV a partir da apresentação e da problematização dos chamados “objetos biográficos” ou “objetos biográficos de memória”. Dessa experiência resultaram produções diversas em que os acadêmicos puderam conhecer melhor a si mesmos e aos outros, além de elaborarem uma interpretação crítica sobre o seu lugar no mundo no tempo-espaço, em um exercício de alteridade e cidadania.

UM DOS MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS POR TODOS AQUELES QUE SE DEDICAM a formar professores de História é, sem dúvida, obter sucesso em fazer com que os acadêmicos (futuros docentes) se percebam como agentes históricos, que fazem parte de uma trajetória histórica, e que essa trajetória precisa ser mais bem conhecida,

¹ Universidade Federal do Amapá (Unifap), Macapá-AP; giovanij@unifap.br

reconhecida e valorizada. Afinal, os mesmos irão para as salas de aula não apenas transmitir conteúdos históricos escolares, mas também realizar as tarefas que se espera de todo professor de História realmente comprometido com a Educação do país: mediar a relação entre alunos e conhecimento histórico/historiográfico, auxiliando-os a aprender a pensar historicamente, a obter e a praticar noções de cidadania, além de adquirir autonomia de pensamentos e ações. Tal empreendimento, contudo, não se realiza a contento sem um bom “começo de conversa”, pois:

Não se pode reduzir o saber escolar ao conhecimento acadêmico transposto, aos manuais, nem aos programas, nem aos projetos de ensino, ao conhecimento prévio do aluno, às relações dos professores com a disciplina, mas são esses elementos que contribuem para a sua definição e que serão necessários para que se faça a necessária reformulação curricular, no cotidiano da sala de aula. (ABUD, 2007, p. 115)

Nessa perspectiva, foi desenvolvido o projeto “Objetos biográficos de memória”, no primeiro semestre letivo de 2016, com os acadêmicos do 3º ano do curso de licenciatura em História, da Unifap, *campus* Marco Zero do Equador. A turma de acadêmicos foi estimulada a estudar a disciplina Seminário de Prática de Ensino de História IV a partir da apresentação e da problematização dos chamados “objetos biográficos” ou “objetos biográficos de memória”. Da experiência resultaram produções diversas, orais e escritas, em que os acadêmicos puderam não apenas conhecer melhor a si mesmos e aos outros, mas também elaborar uma interpretação crítica sobre o seu lugar no mundo no tempo-espaço, em um exercício de alteridade e cidadania.

JUSTIFICATIVA

Os acadêmicos que chegam à licenciatura em História geralmente passaram por um ensino livresco e verborrágico, em que decorar datas, nomes e fatos (quase) sempre foi a tônica da disciplina escolar História, na educação básica. Muitos desses acadêmicos pensam inclusive em reproduzir tais aulas quando se tornarem professores, utilizando-se somente de questionários e cópias. Diante desse quadro, justifica-se a realização do projeto “Objetos biográficos de memória”, uma vez que sua elaboração, execução e avaliação visou a sensibilizar os futuros professores a refletirem sobre a sua própria história, percebendo-se como agentes de trajetórias particulares de vida, que se inserem em contextos mais amplos e coletivos, que chegam até à história da humanidade. Por meio de materiais que os alunos passaram a chamar simplificada de “objetos de memória”, foi possível tal percepção e um significativo aprendizado.

Os objetos biográficos ou “objetos biográficos de memória” podem ser definidos como:

[...] construções do mundo material sobre as quais são projetadas experiências de vida do seu possuidor. Como fonte de descobertas, o objeto biográfico ancora memórias e representações. O significado biográfico dado ao objeto é efetivado na presença constante desse elemento material na vida de seus proprietários. Pessoas e coisas não existem de forma separada. Os objetos biográficos contemplam significados simbólicos e idiossincráticos: “contam” a história de seus donos. (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007, p. 102)

Os “objetos biográficos de memória” não são objetos quaisquer, uma vez que são portadores de lembranças, de recordações que são acionadas ao toque ou à simples menção a eles por quem os possui. “Contam” histórias, se os possuidores ou guardiões dos objetos souberem contextualizar os seus usos, seja no passado, seja no presente. Além disso, colocam em discussão questões relativas à memória e de como essa é sempre uma construção do presente, a partir de fragmentos recolhidos ao longo de uma vida. Ao “contarem” as histórias de seus donos, os objetos levados para a sala de aula pelos acadêmicos, nas aulas da disciplina Seminário de Prática de Ensino de História IV, permitiram que os objetivos gerais e específicos do projeto fossem satisfatoriamente atingidos.

CONTEXTO EM QUE O TRABALHO ESTÁ INSERIDO

A Unifap foi criada em 1986, pela Lei Federal n. 7.530, e atualmente está organizada em seis *campi*: Marco Zero do Equador (localizado em Macapá, capital do estado), Santana, Binacional (ou Norte-Oiapoque), Laranjal do Jari (ou Sul), Mazagão e Amapá. No *campus* Marco Zero do Equador, há inúmeros cursos universitários ofertados e mantidos pela instituição, dentre eles o de licenciatura em História.

Os alunos que chegam ao referido curso são, em sua maioria, oriundos de Macapá e de municípios próximos à capital do Amapá (Ferreira Gomes, Mazagão, Porto Grande e Santana), localizada no Sudeste do jovem estado. A economia da região basicamente gira em torno da agricultura e da pecuária e, por essa razão, muitos acadêmicos têm suas origens ligadas ao meio rural, tendo estudado em escolas localizadas em fazendas, sítios ou pequenas vilas. Além disso, a população amapaense é majoritariamente formada por migrantes, sobretudo do Nordeste brasileiro.

O curso de licenciatura em História foi criado há vinte e cinco anos e possui um perfil variado, em termos de idade e de gênero. Em geral, são alunos pobres, que têm acesso a poucos equipamentos culturais e passaram pela educação básica com grandes dificuldades, sendo que alguns realizaram estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A licenciatura, para muitos deles, é o vislumbre da oportunidade de uma vida melhor, pois garantiria a aquisição de conhecimentos e metodologias para a realização de um trabalho pedagógico de qualidade. Além disso, permitiria aos acadêmicos compartilhar de experiências, práticas, saberes e rotinas que os tornassem autônomos profissional e pessoalmente.

Ocorre que os anos passados nos bancos escolares na educação básica, seja de forma regular ou na EJA, deixaram marcas profundas nesse público hoje atendido pela Unifap. É comum se perceber entre os acadêmicos, futuros professores, uma baixa autoestima e mesmo vergonha quando perguntados sobre suas origens ou histórias de vida. Além disso, há entre eles, ainda muito forte, a noção de que a História é uma disciplina de “decoreba” e que lhes bastaria saber nomes, datas e fatos para retransmiti-los, sem uma contextualização e sem se preocupar com as relações entre o que acontece no mundo e o que acontece no “mundo” dos alunos. Isso se deve ao fato de que, nas escolas de Norte a Sul do país, ainda:

Há, entre os métodos de ensino [de História], a predominância das aulas expositivas, com pouca utilização de material didático que não seja o manual escolar. Raros professores utilizavam vídeos e outros materiais audiovisuais, inexistem relatos de saídas das escolas: estudos do meio, visitas a museus e institutos culturais, coleta de depoimentos, roteiro de observação de objetos fora da escola. E, embora o discurso

dos professores negue, as práticas escolares reafirmam a permanência do conhecimento histórico pronto e acabado, que agora não é mais decorado pelo aluno, devendo ser compreendido tal como lhe é apresentado. (ABUD, 2007, p. 115)

Diante dessa situação, foi elaborado e executado o projeto “Objetos biográficos de memória”, como uma tentativa de se responder a esse estado de coisas e possibilitar um rico diálogo entre os acadêmicos e sua própria história, suas origens e modos de ver, viver e representar a vida. Futuramente, espera-se que eles consigam despertar, em seus próprios alunos, a percepção clara de que todos têm história e fazem parte dela como agentes e protagonistas.

Foi escolhida para o desenvolvimento do projeto a turma de licenciatura em História que estava cursando a disciplina Prática de Ensino de História IV (Turma 2-01HIS2014/1), no primeiro semestre letivo de 2016 (maio a setembro de 2016), com 33 alunos matriculados, sendo 20 homens e 13 mulheres, com idades entre 20 e 40 anos. As atividades se deram entre maio e junho de 2016, como parte das aulas teóricas da referida disciplina e culminaram com a apresentação dos “objetos biográficos de memória”, bem como uma avaliação oral, realizada sob a forma de roda de conversa, e uma avaliação escrita.

OBJETIVOS

O objetivo geral a ser alcançado por meio da elaboração, execução e avaliação do projeto foi, inicialmente, a sensibilização do acadêmico de História da Unifap/Campus Marco Zero do Equador – futuro professor da disciplina escolar nos anos finais (6º ao 9º) do ensino fundamental e no ensino médio (1º ao 3º ano) – para a sua própria história de vida, percebendo-a como parte integrante de uma história mais ampla e coletiva. Tal percepção foi fundamental para que esse acadêmico compreendesse as tarefas de todo professor que se dedica a ensinar História. Afinal, “Revisitar o passado com novas questões, a partir do presente, afeta as memórias cristalizadas e produz novas histórias” (MARTINS, 2007, p. 17).

Especificamente, esperou-se que a visão anacrônica do ensino de uma História voltada apenas para os feitos de grandes heróis e datas comemorativas fosse questionada e debatida e, também, que o acadêmico percebesse que “faz parte de uma história ou de várias” e que, portanto, é um agente histórico, embora sua trajetória ou a de sua família não esteja (ainda) registrada em livro ou outro suporte. Além disso, a ideia do museu como “guardador de velharias” foi rompida e os objetos trazidos para a sala de aula e expostos passaram a ser percebidos como portadores de múltiplos significados, desde que devidamente “interrogados” e contextualizados.

Foram os próprios acadêmicos que chegaram à conclusão de que os “objetos biográficos” ou “objetos biográficos de memória” poderiam servir também à Educação Patrimonial, entendida como “o ensino centrado nos bens culturais. A metodologia pedagógica considera esses bens como fontes primárias de ensino, tornando-se instrumentos no processo de conhecimento” (HAIGERT, 2006, p. 146). Chama-se Educação Patrimonial “a proposta de utilizá-los como recursos educacionais” (HAIGERT, 2006, p. 146). Ao compreenderem a importância de suas próprias histórias de vida, quer no plano individual quer no coletivo, os acadêmicos ampliaram potencialmente os horizontes para uma atuação futura que rompa com ideias cristalizadas a respeito do ensino de História.

CONTEÚDOS CURRICULARES PRIORIZADOS

A disciplina Seminário de Prática de Ensino em História IV na Unifap tem como objetivo principal discutir questões referentes ao uso de linguagens tais como a música, o teatro, o cinema e a fotografia – chamados em conjunto de Novas Linguagens (FONSECA, 2003) –, relacionado à prática do historiador na pesquisa e no ensino. Aborda também o impacto da televisão e dos diferentes suportes de multimídia na compreensão da História. Entretanto, não havia como introduzir tais assuntos sem antes realizar tentativas de provocar nos acadêmicos uma reflexão mais aprofundada sobre suas próprias histórias, suas origens e os suportes que sustentam as memórias individuais e coletivas.

Além disso, na disciplina de Seminário de Prática de Ensino de História III, que fora cursada no semestre anterior, tinham sido discutidos, além dos currículos de História, conceitos tais como memória e patrimônio histórico-cultural, destacando-se a sua aplicação no âmbito do ensino de História. Imaginou-se, assim, que, ao se abordar a relação da prática docente com instituições artísticas, culturais e museus, os acadêmicos estariam preparados para estudar e aprender com os objetos do passado, a partir de novos olhares.

Rompeu-se, assim, com a visão do museu como um “depósito de tranqueiras” ou “guardador de velharias”, uma vez que:

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um “olhar de curiosidade” a respeito de “peças de museus” — que, na maioria das vezes, são expostas pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um “passado ultrapassado” ou “mais atrasado” — em um “olhar de indagação”, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história. (BITTENCOURT, 2004, p. 355)

Assim, o “olhar de indagação”, tendo superado o inicial “olhar de curiosidade”, permitiu que os acadêmicos em questão, ingressantes em 2014, refletissem e se perguntassem sobre a importância de suas próprias histórias de vida e de como, ao se valorizarem, era possível descobrir um enorme potencial em si mesmos e na comunidade em que vivem, além da capacidade de mudanças em nível local, as quais poderiam reverberar em contextos maiores e situados em outros tempos e espaços.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Primeiramente, foram apresentados e explicados aos acadêmicos os objetivos do desenvolvimento do projeto “Objetos biográficos de memória”, assim como a bibliografia pertinente ao tema – Hoskins (1998) e Morin (1974) dentre outros –, salientando-se que tais materiais, que passaram a ser designados como “objetos de memória” por eles próprios, têm grande importância no desenvolvimento de entrevistas que se utilizam da metodologia da História Oral. Nessas entrevistas, “Ao possibilitar a criação discursiva dos valores e práticas vivenciados, o objeto biográfico revela-se fundamental para a construção das performances narrativas dos colaboradores” (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007, p. 104). Eles próprios deveriam, então, preparar-se para a realização de uma *performance* quando da apresentação de seu “objeto biográfico de memória”.

Violeta Morin (1974) faz distinção entre “objetos biográficos” e “objetos protocolares”. Segundo a pesquisadora, os protocolares seriam aqueles que passam pela vida das pessoas sem deixar marcas e que, quando não servem mais ou ficam obsoletos, obrigam-nas a enfrentar o problema ecológico do descarte. Em relação aos biográficos, são todos aqueles que deixam marcas, tanto no âmbito pessoal como no social. O problema, neste caso, é como se conservam tais objetos, o que se faz com os materiais que se herdaram e que pertenceram a pessoas já desaparecidas. Os acadêmicos foram sensibilizados a participarem do projeto, a fim de aprenderem mais sobre suas próprias origens e as dos colegas.

Uma vez explicitados os referenciais teóricos e metodológicos do projeto, os acadêmicos foram convidados a trazer, de suas casas ou das de seus parentes, objetos que traduzissem memórias e sentimentos da vida em família ou que os tivessem marcado individualmente. Tais objetos seriam apresentados aos demais colegas em sala de aula, de forma que as histórias fossem compartilhadas em grupo. Todos os alunos se dispuseram a trazer os objetos (alguns trouxeram mais de um) e as apresentações foram marcadas por momentos de risos e também de lágrimas, sempre com emoção. Pessoas já falecidas, tais como tios, avós e pais, importantes na formação moral e intelectual daqueles futuros professores, foram recordados por meio dos “objetos biográficos de memória”.

As narrativas sobre os objetos foram sendo construídas pelos acadêmicos com a ajuda do professor, de forma que cada material fosse devidamente contextualizado e que cada personagem tivesse “a sua vez na história”. Os alunos, então, escreveram sobre um dos objetos que mais chamaram sua atenção, tanto pelos aspectos simbólicos como pelos idiossincráticos. Na avaliação escrita semestral, será feita uma questão relacionada à atividade, referindo-se aos museus e aos “objetos de memória”, uma vez que o tema havia surgido durante as aulas como desdobramento do projeto inicial.

AValiação do processo de aprendizagem dos estudantes

Convidados a realizarem autoavaliação oral do projeto “Objetos biográficos de memória” (a essa altura chamados por muitos deles somente de “objetos de memória”), os acadêmicos afirmaram ter percebido a importância da sensibilização para a sua própria história e o valor dessa história, que não seria melhor e nem pior que as histórias contadas em livros didáticos de História, pois aquelas traduziam trajetórias únicas que faziam parte de uma história coletiva. Ficou claro que, ao lado das histórias consagradas e oficiais, é possível encontrar-se espaço para a história do cotidiano, das origens das pessoas de determinada localidade, além de questionamentos sobre as migrações e outras formas de deslocamento.

Outro aprendizado importante foi que os museus passaram a ser vistos e sentidos como espaços de revitalização de memórias e como aliados ao ensino de História, ao contrário do que boa parte dos participantes do projeto imaginava até então. Salienta-se que Macapá possui alguns museus, dentre eles o Museu Sacaca e o Museu Joaquim Caetano da Silva, que, a partir de então, receberam inúmeras visitas dos acadêmicos, desejosos de conhecer melhor a história da região e ávidos por “interrogar” e contextualizar os objetos ali expostos. Isso significou uma ampliação dos objetivos iniciais do projeto, uma vez que partiu dos próprios acadêmicos o desejo por conhecer melhor outros espaços, para além da sala de aula, em que se pudesse efetivar o ensino de História.

Foi pedido aos acadêmicos que escolhessem um “objeto biográfico de memória” que algum de seus colegas tivesse trazido e apresentado em sala de aula e que fosse

elaborado um texto escrito sobre tal objeto. No texto, o acadêmico deveria apresentar as razões para a escolha e também uma breve reflexão sobre os “objetos de memória” para o ensino de História, suas potencialidades e limites, além das relações com a memória, individual e coletiva. O texto foi entregue ao professor para avaliação do projeto e futuras reformulações e adequações (ver anexos).

AUTOAVALIAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR

A autoavaliação reflete sobre as contribuições do projeto para o meu próprio desenvolvimento profissional, para a formação dos licenciandos e para os demais participantes do projeto. No que diz respeito ao meu desenvolvimento profissional, o exercício de deslocamento feito, não apenas físico, mas também simbólico e de olhares, resultou em melhorias em minhas aulas de Metodologia do Ensino de História, ministradas na Unifap/Campus Marco Zero do Equador. O aprendizado com os acadêmicos possibilitou repensar fazeres e saberes pedagógicos e didáticos na formação de professores de História, relativizando o que está consagrado e atualizando conteúdos, atitudes e procedimentos, especialmente os relacionados aos usos do passado e da memória e suas implicações em ambientes educativos encontrados para além do espaço escolar.

Quanto aos futuros licenciados, creio que as experiências realizadas na disciplina Seminário de Prática de Ensino de História possibilitaram que refletissem sobre si mesmos e suas comunidades e sobre a situação vivida por homens e mulheres no Amapá e pelo Brasil afora. Os museus receberam novos usos e significados a partir da experiência de ensino, mobilizando os moradores de Macapá a repensarem as presenças indígenas, negras e de migrantes de diferentes procedências no extremo Norte do país e o museu como espaço de diálogos entre distintas culturas e etnias.

REFERÊNCIAS

- ABUD, K. M. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. de S. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 107-127.
- ALMEIDA, J. R. de; AMORIM, M. A. B. V.; BARBOSA, X. de C. Performance e objeto biográfico: questões para a História Oral de vida. *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, n. 2, p. 101-109, jul./dez. 2007.
- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004. 408 p.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas: Papirus, 2003. 255 p.
- HAIGERT, C. G. Patrimônio cultural: interagindo com a comunidade. In: MILDNER, S. E. S. (Org.). *As várias faces do patrimônio*. Santa Maria: Palotti, 2006. p. 141-167.
- HOSKINS, J. *Biographical objects: how things tell stories of people's lives*. New York: Routledge, 1998. 199 p.
- MARTINS, I. de L. História e ensino de história: memória e identidades sociais. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. de S. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 13-21.
- MORIN, V. El objeto biográfico. In: MOLES, A. et al. *Los objetos*. 2. ed. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1974.

Universidade Federal do Amapá
Curso: Licenciatura Plena em História.
Disciplina: Seminário de Prática de Ensino IV.
Professor: Giovanni Silva.
Acadêmica: Arivanete Oliveira. Turma: 2014.
Data: 27 de junho de 2016.

→ Atividade sobre objetos biográficos de memória.

Dos objetos apresentados pelos colegas na sala, alguns me chamaram mais atenção, como o cartão do dia dos namorados dos pais da Gabina (em que a Mãe (Helôisa) declara seu amor ao pai (Jaime); o uniforme do ensino Médio da Beandra (guardado com orgulho pelo seu pai); a gandola do Sérgio, do tempo em que foi escoteiro e, finalmente o que mais me emocionou, a roupa de pinha e o foto da Júlia, a filhinha falecida da

Estes últimos objetos me fazem pensar que, apesar de pouco discutida, a morte está e sempre esteve presente na história, muitas vezes modificando seus rumos. Relatos como esse remetem à perspectiva da relação existente entre história e memória, visto que a memória é construída e seletiva, e que a morte representa a interrupção da existência física, biológica dos seres, mas não consegue apagar os registros dessa existência, que é representado pelos objetos que lhe foram pertinentes e, por meio deles conseguimos ter acesso à sua história.

Assim, explorar essa temática nas aulas de história significa dizer ao aluno que nossa existência física é limitada, mas nossas ações se eternizam na memória dos outros.



Universidade Federal do Amapá
Curso: Licenciatura Plena em História
Disciplina: Seminário de Prática de Ensino de História IV
Professor(a): Giovanni José da Silva
Acadêmico(a): Anderson Souza Guedes

O objeto escolhido é o caderno de anotações do pai da Aldenize. Ele me chamou a atenção pelo fato de conter informações sobre a profissão do pai dela, relatos pessoais dele e anotações sobre a sua família.

Penso que pode ser um caderno de anotações que traz informações sobre profissão e alguns dados pessoais do pai seria um bom objeto para se trabalhar em nossas aulas de história. Podemos supor que o caderno de anotações pode ser comparado a um diário de viagem. Assim, as informações que estiverem no caderno poderão nos mostrar a visão que a pessoa tinha sobre determinada região, a percepção que ela tem sobre o cotidiano da localidade, dentre outras coisas.

Além disso, em um ambiente escolar que pouco incentiva a escrita por parte de seus alunos, o caderno poderia ser utilizado como um estímulo para que os alunos pudessem escrever sobre o seu cotidiano escolar ou sobre as aulas de história.

Dessa forma, o caderno de anotações que foi apresentado pelo Aldenize, pode ter uma boa potencialidade para o en-





lino de lusterio e para uma alfabetização escrita.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE - UFAC
PROFESSOR: GIOVANI JOSÉ DA SILVA

DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA IV.

APRESENTAÇÃO: MAN OBRAS DE DOIS DIAS.

TRABALHO DE OBJETOS BIOLÓGICOS.

O objeto biológico escolhido foi do Coley Jari Galatão, que trouxe para a sala um livro de cordel de Pernambuco, destacando o valor para o mesmo e sua identificação com o objeto de estudo, onde o mesmo destaca a importância no contexto histórico não só para ele e sua família, mas pela cultura de identificação do objeto em relação aos pernambucanos.

O objeto pelo Coley, livro de cordel, é tido como um marco na vida do pernambucano, pois este livro tem como principal retratar a história deste estado que compõem em seu núcleo sua identificação histórica, que vêm desde a época do Brasil Colônia, e que possui sua identificação nesse objeto como uma forma de transmitir essa história através do tempo, trazendo consigo sua cultura, seus costumes, suas crenças, ~~seus~~ suas conquistas, como uma forma de identificação do Estado de Pernambuco com seus habitantes e sua história, trazendo consigo uma identidade histórica sobre este objeto que tem o relevante valor cultural e histórico com o povo pernambucano.

Para objetos não remetem as experiências históricas que nos trazem o conteúdo de cada um deles não só individualmente, mas coletivamente.

Análise do objeto histórico

Primeiramente, quero ressaltar a importância que foi para mim o estudo de história a partir da memória coletiva dos meus colegas. Muito embora não se valorize a memória das pessoas, e sim a história esta cheia de grandes acontecimentos, mas se esqueçam que por trás de grandes acontecimentos, existiram: mulheres, homens, crianças e velhos, e cada um com suas raízes e lembranças próprias.

A partir disso, perguntando aos meus colegas quais foram seus objetos e suas histórias. Eu resolvi escolher a história em torno do objeto do colega Higor Pereira que era um botton da capa do CO de Alca Chôis, que comprou um dia depois do falecimento do pai dele. Ele me relatou que foi na música da banda que ele encontrou refúgio naquele momento tão difícil.

Portanto, eu poderia escolher qualquer outro colega da sala, mas escolhi o botton do Higor pela carga de significados que envolve o objeto e por ter sido o que mais me tocou.

Herson de Lima e Lima 2014

Universidade Federal do Amapá
Licenciatura Plena em História
Solina Natali Silva Pontes
Prática de Ensino de História IV

O objeto biográfico de memória escolhido foi o caderno de anotações do pai de Aldenize.

Para além de sua história comvente de reencontro e reconciliação com a outra parte de sua família através de informações contidas no caderno, foi possível enxergar a figura de seu pai, não apenas como seu progenitor, mas uma pessoa que possuía sonhos, desejos e sentimentos.

Essas informações ficaram subjetivas na fala de Aldenize e a partir do questionamento sobre que potencialidades os objetos de memória trazia para a sensibilização dos nossos alunos, penso que além de conhecer seus lugares no mundo, de construir e afirmar suas personalidades, poderiam saber a história, a identidade e o lugar no mundo daqueles que os/nos conceberam.

Seja de certa forma enxergá-los como pessoas que também possuem sonhos e sentimentos, por fatidicamente os percebemos como seres que estão em certo nível idealizados em percepções de indivíduos perfeitos, que não sofrem, que não demonstram sentimentos,

ou possíveis de erro.

Dessa maneira, o objeto biográfico de memória escolhido despertou tais descrições, no sentido de que além do novo auto-conhecimento e afirmação deve-se também conhecer e reconhecer o outro como alguém possuidor de sonhos, de medos, alegrias, de erros e de uma história tão importante quanto a nossa.

20.06.16

Aluna: Vitória Santos Esteves

Seminário de prática de ensino IV

texto sobre objetos biográficos de memória

De todos os objetos biográficos de memória apresentados o que mais despertou minha atenção foi o objeto apresentado pela Aldenize, o objeto era um caderno com anotações referente a desova dos tartarugos, que eram o objeto de Trabalho do seu pai.

O que mais despertou minha atenção não foi o objeto em si, mas sim a foto de que os anotações presentes naquele caderno ajudaram com que ela encontrasse com a família de seu pai que morava em outro estado.

Este documento, pode auxiliar a despertar no aluno a percepção que um objeto, pode representar muito mais do que a história da pessoa a quem ele pertenceu, ele busca pessoas que conversaram com ele ou que de certa forma lhe são importantes,

isso pode levar o aluno a perceber que não somos antigos "velhacos" sem história, mas sim com uma história a contar que pode despertar inúmeros sentimentos em cada um de nós e curiosidade pelo passado.

Jolie

tilibra



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CRISTIANE SOUZA DE CARVALHO/ 201511290323

TRABALHO AVALIATIVO APRESENTADO À DISCIPLINA SEMINÁRIO DE
PRÁTICA IV

MACAPÁ-AP
JUNHO / 2016

Diante dos objetos de memória apresentados em sala de aula, o que mais me chamou a atenção foi o objeto apresentado pela colega de classe Bárbara Lorena Coimbra, haja vista que lhe remete uma carga emocional muito grande. Barbara trouxe para a sala seu diploma de graduação em História Bacharelado, conquistado em 2012, pela Universidade Federal do Amapá com muito esforço e dedicação, acompanhado de uma fotografia dela e de sua mãe. Barbara se emocionou ao nos relatar que tal diploma em grande parte foi dedicado em memória de sua avó materna Guilhermina, que muito contribuiu para sua formação pessoal, intelectual e profissional, avó dedicada e amorosa que se comprometeu em arcar financeiramente com os estudos de Barbara desde a sua terceira série do ensino fundamental, sua avó lhe dizia que não haveria riquezas para lhe deixar futuramente no seu pós- morte, portanto lhe deixaria em vida o legado da educação. Barbara se dedicou aos seus estudos, e em cada mau comportamento, cada nota baixa sua avó lhe dava puxões de orelha, para que ela voltasse para o caminho correto. Muito grata por sua avó ter lhe ajudado e lhe dedicado tanto amor, em cada conquista, em cada batalha travada, Barbara dedica suas vitórias em grande parte a sua avó Guilhermina, que muito contribuiu para que se tornasse a pessoa de bom caráter e tão dedicada que é hoje, símbolo imenso de amor e dedicação, jamais morrerá nas memórias dos que amam.

Diante desse relato, podemos dizer que as pessoas só somem quando são esquecidas, portanto devemos pensar em alguns mecanismos de manter tais pessoas/memórias vivas para que nunca caiam no esquecimento e não desapareçam com sua morte, devendo assim haver o resgate de memórias de tempos passados, que ainda continuam no tempo presente, e as histórias guardadas na memória das pessoas, precisam vir a público para retratar um fato vivido ou presenciado. Segundo Mercedes Vilanova em Páginas de História "a urgência de criar novas fontes, a necessidade de ajudar a construir a memória, é a base do nosso ofício", como historiadores, portanto de acordo com os avanços das tecnologias contemporâneas podemos perceber que temos que buscar até mesmo inventar novas fontes, nunca deixando de lado a oralidade, que é uma metodologia utilizada pelos contemporâneos para retratar a história que não está escrita em documentos, mesmo sabendo que a memória por ser seletiva, deve ser tratada com bastante atenção por esta ligada a construção de memórias que resistindo a mudanças por muitas vezes não desejada ou como alternativa de não



esquecimento.

O fato do historiador, ter uma profunda relação entre a vida e a história é um dos fatores que também o transformam em um homem do seu tempo, e assim cabe a esse sujeito histórico, buscar sinais e vestígios de um determinado grupo social, desvendando assim certas memórias históricas que acabaram sendo esquecidos ou deixados de lado de acordo com a aceleração do tempo que transformam o tempo presente em passado, ao trabalharmos com a memória podemos dizer que o sujeito (a) abordado vem de "um campo social onde memórias hegemônicas e alternativas são produzidas na vida cotidiana" tentando assim reavivar lembranças e narrativas de sujeitos excluídos da história.

Portanto, devemos nos preocupar como educadores tornar o conhecimento histórico um mecanismo para salvaguardar memórias do passado de um determinado indivíduo, transcrevendo os relatos das memórias, em forma de cartas, livros ou qualquer documento que possa preservar tais memórias. Em sala de aula podemos estimular que nossos alunos para que desenvolvam sua compreensão intelectual e crítica, para que desta maneira consigam a devida compreensão histórica da realidade social que estão inseridos, pois todos somos sujeitos e agentes da história, cercados de conflitos e valores particulares.

Referências Bibliográficas

GALIAN, Dante Marcelo C. **A Memória do Exílio: Reflexões sobre interpretação de documentos horais**. In: MEIHY, José Carlos S.B (org.). (RE) introduzindo a história oral. São Paulo: Xamã, 1996, p.141-150.

VILANOVA, Mercedes. **Páginas de História**. A história presente e a história oral. Relações, balanços e perspectivas. Laboratório de História/UFPA. n° 02. 1998.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE HISTÓRIA
SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE ENSINO IV

Docente: Giovani José da Silva

Acadêmica: Bárbara Lorena Coimbra Costa

A História tem como conceito o estudo dos homens no tempo, entre mudanças e permanências, fatos e personagens importantes. Mas pouco ou quase nada pensamos no real significado dos conteúdos escolares para nós, pessoas comuns. E ainda que não sejamos citados nos livros didáticos, nossas vidas são construídas a partir de vivências; experiências, boas e ruins, objetos, lugares, cheiros e, principalmente, por pessoas.

A partir deste pensamento, os “objetos de memória” apresentados pela colega Cristiane Carvalho: a roupa infantil e a fotografia de sua filha Julia (nascida em 2008 e falecida em 2010), me fizeram pensar sobre o quanto a História discursa sobre pessoas que viveram e tiveram seus feitos registrados e recontados, ao mesmo tempo, ignorando as histórias daqueles que não tiveram um maior tempo de vida, neste caso, pessoas que morreram prematuramente.

A vida de Julia foi breve e deixou lembranças. Foram vividos momentos difíceis mas as recordações que ficaram de Julia remetem a bons momentos, a sua vivência junto à mãe. E no ensino de História, mesmo tratando de sujeitos no tempo e no fim de seu tempo, não sabemos lidar com a morte repentina, aquela sem preparação e que acontece interrompendo um ciclo. Um acontecimento comum mas que não é discutido. Na História, pessoas, grupos e civilizações inteiras surgem e “desaparecem”, ocultando a fase final, do ciclo natural de vida, que é a morte.

Disciplina: Seminário de Prática de Ensino de História IV

Professor: Giovani José da Silva

Acadêmico de Licenciatura Plena em História-2014: Sérgio Cardoso dos Santos Júnior

Trabalho sobre os objetos biográficos de memória

Objeto escolhido: Fita Vhs do Space Jam do Marlos Vinicius

Escolhi o objeto do Vinicius por dois motivos: O primeiro é que eu tinha e assisti muitos filmes em vhs em casa. Lembro que o meu pai sempre ia à locadora (que sempre estava cheia e muitas vezes tinham filas para locar as fitas) e eu me divertia na sessão de desenho, inclusive, o papai chegou a locar o filme do Space Jam. O segundo era que, segundo o Vinicius falou, ele era muito pressionado a praticar exercícios físicos e a perder peso. Bom, até hoje eu sou cobrado pra perder peso e na minha infância não foi diferente, fui alvo de piadinhas por conta de meu porte físico e da minha altura. Identifiquei-me bastante com o objeto e a história que ele trouxe pra sala, pois eu também queria jogar videogame (se possível, o dia todo) e isso me recorda uma série de acontecimentos agradáveis, dos quais, apesar de já terem acontecido, gostaria de vivenciar novamente.

Depois da aula, fiquei refletindo sobre como esses simples objetos mexem tanto com o nosso íntimo, com as lembranças boas ou ruins que temos sobre as pessoas, situações ou lugares e como isso é importante para a nossa formação. São coisas que são silenciadas em sala de aula pela maioria dos professores, pois nós apenas estudamos os feitos dos grandes homens e de grandes acontecimentos, algo que não nos acrescenta em nada, no máximo pra decorar na hora da avaliação. Adorei todos os objetos apresentados pelos meus colegas, e gostei do meu objeto também, pois me trouxe várias recordações e lembranças, que ajudam a contar a minha história, e acho o trabalho bastante versátil para se fazer em sala de aula, realmente é algo que eu dificilmente iria pensar em levar para uma aula de história, obrigado professor.